

Mirian Fichtner

Você vai viajando na cidade... É quase um filme. Você vai acompanhando toda essa movimentação da cidade, o caos da cidade, as belezas da cidade, o abandono, as coisas modernas, o choque entre o moderno e o antigo.

AF Rodrigues

A rua é um grande estúdio natural para o fotógrafo.

Martha Cooper

Eu nunca sequer havia olhado para os trens. Eu andava de metrô toda hora e os trens que entravam na estação sempre tinham desenhos neles. Eu achava que era apenas um vandalismo aleatório, mas na verdade era um vandalismo muito organizado.

Alexandre Urch

Toda a vez que eu pego a câmera ou que eu saio de casa eu busco aquela coisa mais simples, uma coisa do dia a dia, da correria. Todo mundo passa batido e eu por algum motivo aquilo me chamou a atenção e me fez registrar e às vezes eu mostrando essa imagem depois, eu percebo o quão é importante essa coisa que ninguém dá bola e é interessante para as outras pessoas. Esse invisível, comum é o que me atrai no clique de querer mostrar, essa minha procura diária na rua.

Tornaghi

A poesia da vida cotidiana, os caminhos do transporte público, a moradia, o lazer. Registro da curiosidade dos fotógrafos sobre as particularidades da vida de cada cidade. Um olhar artístico além do estereótipo da mídia.

Mirian Fichtner

O olhar acaba capturando uma alma em todos os sentidos da cidade. Eu busquei, na verdade, retratar o Rio, buscar um ângulo novo do Rio, que é uma cidade extremamente fotografada. Mas eu busquei um lado diferente, um ângulo do passageiro. Esse trabalho foi um trabalho mais despojado, eu não pensava muito, eu ia viajando e ia fotografando. Foi quase um refresco. As várias luzes do entardecer, o próprio engarrafamento fica meio plástico.

Luiz Baltar

Eu moro em Bonsucesso e trabalho em Botafogo, não é tão distante, mas o engarrafamento as vezes leva 2 horas, 1 hora e 20 e eu ficava na viagem pensando, olhando a paisagem e comecei a fotografar com o celular. E aí depois eu pegava essas imagens e ia juntando, juntando e criando panorâmicas, criando paisagens. Foi o primeiro trabalho que eu fiz onde estava retratando a minha vida. Então eu comecei a ver que o ônibus era a minha maneira de eu conhecer a cidade e de construir uma paisagem diferente. As paisagens diferentes de cartão postal, com os grandes eventos, com a cidade toda em obras, os tapumes. Então, também foi uma maneira de documentar essa mudança da cidade. O ônibus me levava, eu não sabia para onde ia, mudava o itinerário. Entrei para o circuito de fotografia contemporânea com esse trabalho, que é documentando o meu dia a dia dentro do ônibus.

Américo Vermelho

Eu tenho um olhar muito, nesse campo, uma coisa mais... É mais ligado à história da cidade. Eu vejo o seguinte, o Rio de Janeiro tem uma história muito grande e para qualquer lado que você olha sempre tem um prédio, um monumento, uma praça, algo que você pesquisa, uma pesquisa básica, tem uma larga história tão grande quanto a do Brasil. O que me chama a atenção primeiro é a imagem, é a foto. O que eu vejo primeiro a imagem, e é bonita, é muito linda a cidade. A cidade é muito bonita, para um fotógrafo aqui é um paraíso, para quem trabalha com imagens essa cidade aqui é fantástica.

Claudia Jaguaribe

Eu sou muito interessada na questão ecológica, na questão da preservação da natureza e o fato que a gente ainda vive em contato com uma certa natureza e o oposto, a destruição dessa natureza, a urbanidade criando o caos e como é que a gente lida com isso.

Eu fotografei mais de 70 casas de São Paulo, sempre no interior para fora. Eu fui entrando em casa, em casa, em casa e meio que juntando artificialmente todas essas casas. Então é como se você olhasse um skyline de São Paulo de dentro para fora.

Fernando Naiberg

Você enquanto fotógrafo, você pode emergir ali no seu conceito, dentro das coisas que você já tem em mente e o que você já viu de referências, do que você já sabe, do que você conhece por imagéticos e do que você está lá na hora para interagir. Porque tudo é uma surpresa, pode ser que nada aconteça de acordo com o que você está planejando e, normalmente, um documental na rua e tal muitas vezes, apesar da pesquisa que ela tem que ser ferrenha para poder acontecer as coisas que você espera. Mas muita coisa pode acontecer tudo o que você planejou, inclusive nada. É nesse processo que eu falo que é legal, é um processo imersivo que você... Que eu encontro a minha solidão, é o meu tempo de ler as coisas, de ver as pessoas da maneira como elas são, de captar um pouco da essência da alma das pessoas, de como elas se colocam para fora ali naquele mundo dentro daquele meu quadradinho ali.

João Velozo

As pessoas de Recife, principalmente quando anoitece, elas tem uma melancolia muito intrínseca delas. O recifense, ele naturalmente, ele é cansado, ele está abatido porque ele demora 2 horas para chegar no trabalho para fazer um percurso não tão grande e demora 2 horas para voltar. Então eu acho que a alma do Recife é uma alma nostálgica, uma alma cansada. E eu vejo muito isso, e isso me incomoda. E quando me incomoda a primeira coisa que eu faço é clicar. Eu clico muito nos meus deslocamentos de metrô, eu estou sempre clicando ao longo da rua mesmo, e nos ônibus de transporte público que eu uso bastante, porque eu me recuso a ter carro. Mas eu acho que é isso assim, andar por Recife quando você passa a entender a cidade, e a sentir, e a ser parte dela e entender essa alma dela. Não é nem de uma panela de pressão, mas de uma cuscuzeira. Está sempre abafado, quente, fervendo mas está preso ali.

Marco Terranova

A fotografia na realidade foi o veículo libertador da minha infância burguesa. Então, eu usava a fotografia como o caminho para eu visitar, conhecer coisas, aprender coisas na rua

que eu não tive dentro de casa. Imediatamente quando eu comecei a fotografar eu fui para a rua, mesmo sem nunca ter ido, sem ter uma experiência de rua... Vim de uma trajetória que algumas crianças tem que brincam demais na rua. Eu brinquei muito, mas só que eu não brincava na rua né ? E a fotografia foi realmente esse elemento libertador.

André Penteado

A fotografia ela é muito ligada ao real, então as pessoas muitas vezes consideram a fotografia banal. Em 2003, quando eu estava em Londres, eu fiquei impressionado com a quantidade de câmeras de segurança que tinha lá e fiz um projeto que era: eu andava da minha casa até uma instituição de artes fotografando todas as câmeras de segurança que tinham no caminho. Eu uso a fotografia para lidar com esses temas porque é o que eu sei fazer. Acho que o papel do artista é exatamente esse, eu acho que a gente olha coisas na sociedade e usa a mídia que a gente sabe usar para tentar decodificar, trazer para a superfície, colocar questões que a gente considera relevantes para a sociedade.

Vitor Dragonetti

Eu sempre gostei de conversar com as pessoas na rua e eu gosto dessa coisa que a fotografia pode levar fantasia, às vezes. Então, a cor está muito ligado a isso às vezes, à beleza. Eu sempre gostei de andar na rua, desde criança, conversar com as pessoas. Então, eu acho que está muito nessa ideologia de gostar de dar um 'rolê' simplesmente sem muita pretensão do que você vai fazer. Meu pai é mecânico, então eu cresci ele falando para mim " eu vou lá para a cidade comprar peça filho", então eu tinha essa noção desde criança de que lá era a cidade e o bairro que eu morava era uma outra cidade. Depois eu fui entender que era só o jeito dele dizer que aquilo era o centro da cidade, que ele vinha do interior, então ele chamava de cidade, mas eu cresci com essa imagem do centro na minha cabeça. Então assim, eu estou sempre caminhando, procurando pessoas ... Também certos movimentos, que tem acontecido no centro, de ocupação de espaços públicos, de festas.

Alexandre Urch

Eu acredito que a fotografia é um registro. Por mais banal que seja, às vezes, a pessoa não sabe o poder de uma imagem. Então assim, pra mim, tudo ! Uma fachada de uma casa, uma pixação, um grafite novo na rua é uma transformação que eu vou estar sofrendo, o mundo está sofrendo. Um tênis, uma roupa que a pessoa veste, já é uma transformação. E aí envolve novamente esse meu gosto pela rua. Eu consigo saber da moda, o que está acontecendo, política, tudo em um lugar aberto que é a rua. Então isso para mim é bem interessante de registrar, eu gosto dessa documentação da cidade.

Jetmir Idrizi

Aqui no Brasil tudo é novo para mim e ainda estou tentando achar uma maneira de fazer as histórias do meu jeito. Existem muitos estereótipos sobre o Brasil que são como a mídia sempre apresentou o Brasil. Sempre, na minha cabeça, antes de vir aqui, o Brasil era esse país exótico. Eu acho que o Brasil oferece muito mais do que isso. Eu acho que o Rio tem muito mais qualidades do que a sua imagem que é apresentada para o mundo. Eu acho que existem muitas mais coisas interessantes.

Felipe Varanda

Eu tenho um trabalho que se chama “Vertigem”, que foi uma série de fotografias que eu fiz na Rio Branco. São montagens fotográfica, eu fotografava a Rio Branco assim a pino e depois eu fotografava os passantes, os pedestres na altura do rosto. Então a Vertigem também passava por esse estranhamento de como fotografar a rua hoje em dia. Tem ali nas entrelinhas uma potência política grande também.

Eu tinha essa ideia de que esse entorno ali, da perimetral, era uma cidade esquecida. Então eu fotografava já com esse olhar de um arqueólogo que estava buscando pistas de o que era essa cidade. Então eu tinha um material já consistente quando anunciaram que a perimetral ia abaixo, e aí ganhou esse corpo assim, uma arqueologia de futuras ruínas.

Tornaghi

A arte grafita a cidade e dá uma nova feição ao que antes era só concreto. Muros e paredes dialogam com os habitantes. O que antes era considerado poluição, é agora arte.

Alexandre Orion

A rua ela é muito interessante porque você não faz nada, nesse espaço coletivo, sem interação. Então assim, não só em uma etapa fotográfica que seria “mais documental”, né? Que seria uma etapa de registro. Não é só nessa etapa que o outro fascina ao estar presente. Todas as etapas quando você desenvolve qualquer coisa na rua, todas as etapas envolvem interação. Desde um pedido de permissão, de um com licença em um lugar que não é o seu lugar, mas que é de todo mundo, até em um processo de pintura de qualquer coisa, as pessoas se sentem a vontade de parar e perguntar: “ Porque você não faz outra coisa? Porque que, que não sei o que ? Está muito bonito. Não gostei”, sabe ? As pessoas de fato, como o espaço é coletivo, é muito comum você se deparar com as mais diversas opiniões, com as mais improváveis interações. Então eu acho que a rua permite um tanto de troca que não está só na âmbito da fotografia e de ter aquele personagem inusitado, desenvolvendo um papel, como se fosse assim, dentro do seu teatro. A rua é um grande palco.

Martha Cooper

Eu comecei a procurar por fotos de crianças fazendo coisas criativas. Tinha um bairro que ficava muito perto do “New York Post” no lower east side que era cheio de prédios abandonados e lugares vazios e eu ia por aí procurando por essas crianças fazendo seus próprios brinquedos ou apenas se divertindo de forma criativa. Então um dia eu conheci um menino. Na verdade, um dos meninos que eu estava fotografando, ele costumava ter pombos na laje da sua casa e ele me mostrou um pequeno caderno com desenhos e ele me explicou que estava treinando para pôr seu nome na parede e ele me perguntou: “Por que você não tira fotos de grafite? “. Esse foi um momento muito esclarecedor para mim porque até aquele momento eu nunca tinha entendido que esses grafites que eu via por aí eram nomes e apelidos de crianças. Eu não sabia que eles estavam escrevendo os seus nomes. Agora eu acho que não tem ninguém que não saia disso. Mas na época isso era um mistério para mim. E quando eu olhava para os grafites, não fazia nenhum sentido para mim, eram apenas coleções de letras. Aí, boom! Eu fiquei completamente intrigada com essa ideia de que as crianças estavam fazendo artes para elas mesmas e que os adultos não entendiam. Eu estava surpresa que eles tinham toda uma estética própria entre eles e que os adultos não sabiam daquilo. Era uma forma de arte que eles faziam para eles mesmos e eles não estavam vendendo aquilo. E foi isso que me fascinou.

Clarissa Pivetta

Eu considero que eu registro as intervenções artísticas em espaço público. Não importa a técnica, pode ser extensa ao moralismo, grafite, pichação, é intervenção artística. E quando eu faço, eu faço ela em espaço público, não importa se é na galeria, no museu, na rua, é um espaço público.

Acho que foi a minha segunda vez dentro de uma favela em São Paulo quando nós estivemos lá na Favela do Moinho. Você estava tipo... entediada e de repente eu vi que dois caras vinham com dois grandes estênceis. Eu disse: "O que vocês estão fazendo com isso?". E eles disseram para mim: " Nós estávamos pintando o moinho". Ah, fala sério ! " Martha e eu aqui. E vocês estavam lá?" E eu lembro que eu te chamei: "Martha ! Vem aqui." E você ficou chateada e falou: "Diga para eles! Diga para eles! A culpa é de vocês! Voltem para lá e pintem pra nós duas novamente!" E eles concordaram e foi um momento maravilhoso, não ?

E foi realmente um momento lindo para a gente porque foi fenomenal.

Tornaghi

"A rua é o grande campo de guerra hoje"

"A gente sabe o quanto a gente apanha dessa mídia corporativa que é a mídia golpista"

"Eu não posso ficar em casa com preguiça vendo tv a cabo, seja lá o que for"

"Sabendo que a história está sendo contada." - Adriano Ferreira Rodrigues

AF Rodrigues

A gente está aqui para fazer uma fotografia que tenha um posicionamento político, um posicionamento ideológico. A gente sabe de que lado a gente está. Esse território, laje, esse espaço, essa área, seja lá o conceito usado, geográfico, é de uma potência eu falei: "vou fotografar isso". Porque a laje para o favelado é um espaço de resistência, e a laje é isso. O que é a laje ? Meus pais construíram embaixo, tiraram do barraco virou alvenaria, virou uma laje.

Eu cresci, vou casar, não tenho condições nenhuma de sair da favela ... Onde eu vou morar? A laje é isso. Então além de ela ser uma possibilidade de um novo lar, ela também é um espaço de lazer. Laje hoje, tá na moda.

Tornaghi

Quantos segredos as paredes destruídas levaram ? Quantos momentos de amor, dor, alegria e tristeza a demolição de casas apagou? Quem sabe, uma simples curva teria evitado a transferência de uma comunidade e impedido que o processo civilizatório se construísse sem nenhuma urbanidade. As fotografias que vemos aqui registram a reforma predatória da transformação urbana.

AF Rodrigues

No que o Estado não consegue cumprir, não questão de habitação para todos e todas, o favelado resolve. A Vila Olímpica, que eles querem tomar hoje, o território, a terra, o solo, aquela parte ali de possível construção não existia, aquilo ali era restinga, mangue. Então, o pobre foi ali aterrando aquilo ali, foi possibilitando construir um prédio ali. Então era algo que

não existia, era um ambiente lindo. Foi um crime ambiental ? Não existia essa mentalidade até pouco tempo, mas os caras foram forjando o espaço ali, uma comunidade. E agora a prefeitura está lá removendo, porque diz que aquilo ali não pertence à eles.

Luiz Baltar

Meu primeiro contato com essas remoções foi na Providência em 2009. E vi várias casas marcadas, e eu não sabia o que era. Fui perguntar para os moradores e os moradores também não sabiam. Por coincidência era em um sábado, na sexta feira a noite quando os moradores chegaram em casa e viram suas casas marcadas, e aí eu fui acompanhando essa história. Isso na região portuária, essa história da luta deles pela moradia, fui acompanhando como eles aprenderam a se organizar, como conseguiram resistir. Rola todo um processo e depois você vê que é o mesmo processo que acontece em todas as comunidades. Primeiro chega o estado intimidando com falta de informação, criminalizando com a desculpa de melhorias urbanísticas, ou de construção de equipamentos públicos, mas começa toda uma reconfiguração para colocar os moradores para longe, na zona oeste geralmente. A dor das pessoas terem suas casas derrubadas é de desespero.

Dario de Dominics

Essa experiência da Aldeia Maracanã foi bem interessante. Pensei que era uma história incrível. Primeiro esse prédio totalmente abandonado com plantas e raízes que invadiam totalmente os ambientes, realmente era algo surreal. Acho que nenhum diretor de cinema podia imaginar uma cenografia assim tão linda, tão visualmente impactante. Então foi para mim um momento, sinceramente, bacana. Isso me animou ainda mais a ficar aqui porque realmente tem tantas coisas para fotografar, para contar.

Wilton Junior

Eu acho que a fotografia, ela ainda é muito mais forte. Eu tenho esse sentimento, pode ser um sentimento até por amor a minha profissão. Eu nunca me imaginei um repórter cinematográfico, eu sempre me vi um repórter fotográfico, só que esse mecanismo hoje permite que eu coloque a minha foto em movimento, então isso me fascinou.

Acho que foi um avanço enorme você ter a possibilidade de pôr em movimento. Porque existem momentos em que você não tem uma fotografia. Se você está em um lugar que você não pode avançar, se tratando de uma questão policial por exemplo, você não tem como avançar mas você tem aquele momento de tensão ali, quando que na fotografia você só vai mostrar alguns militares somente parados ali esperando para poder avançar em um terreno e você pode colocar aquilo em um vídeo e você vai transmitir aquilo ali, naquele momento aquela tensão. Então, eu vejo como um avanço.

Ratão Diniz

Eu acho que o momento político que a gente vive hoje não tem como você não assumir uma postura, um lado. Essa imparcialidade que se fala tanto, no jornalismo, não existe. Ninguém é imparcial, todo mundo tem um lado da história, seja de um ou de outro. Como a gente está vivendo agora esse processo de remoção e da resistência de moradores a gente tem que assumir um lado dessa história, não tem como a gente ficar imparcial. O que a gente está vivendo hoje é violação de direitos, então a gente tem que assumir seja um ou outro mas a gente tem que assumir um lado. O indivíduo tem que assumir sua posição política da história.

